

# Roteiro em Ação: produção audiovisual em contexto de privação de liberdade como prática arte-educativa libertadora

---

**Prof. Jefferson Baptista dos Santos**

A arte e a educação já fazem parte da minha história de longa data, hoje são as áreas de conhecimento base para meu entendimento de mundo e conseqüentemente os alicerces que estruturam minha práxis dentro do meu trabalho.

Mestrando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), Especialista em Educomunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), Pedagogo e Tecnólogo em Comunicação Assistiva – Libras e Braile pela Universidade Nove de Julho, atuo na área social há 15 anos, principalmente com educação social, arte-educação, educomunicação, produção audiovisual e negritude.

Hoje estou como arte-educador na linguagem de cinema e vídeo do projeto Arte na CASA da ONG Ação Educativa, e atuo como formador de professores no Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Este conjunto de reflexões, para além de apresentar de forma geral o trabalho que eu realizo na Fundação CASA com adolescentes em Medida Socioeducativa de Internação, também é um desdobramento de uma sistematização metodológica resultante do meu processo de formação.

Tal sistematização foi realizada inicialmente como Trabalho de Conclusão de Curso de especialização em Educomunicação: Mídias, Comunicação e Educação que realizei na ECA-USP e que hoje baliza minha pesquisa no curso de mestrado em Educação pela FE-USP, minha atividade formativa atualmente.

A metodologia elaborada conta com três pilares em sua estrutura: leitura crítica, experimentação narrativa e produção de sentido a partir de um processo de prática audiovisual, conforme está descrita mais à frente.

Para tal empreitada me apoio nas ideias de Paulo Freire, tomo a Medida Socioeducativa de Internação como contexto e a Educomunicação como práxis para a execução.

Tendo em vista os elementos que fundamentam a proposta, penso que para além das questões pragmáticas, tal projeto também se propõe a colaborar na militância da luta

pela busca da seguridade de direitos de sujeitos em desenvolvimento, que antes de entrarem em conflito com a lei já sofriam com a opressão do Estado.

### *Fundação CASA, adolescência e privação de liberdade*

A adolescência, momento peculiar do ser humano marcado por grandes mudanças físicas e psicológicas, SANTOS, 2008, frente ao perfil dos adolescentes internados na Fundação CASA, majoritariamente periféricos, pretos e pobres, me coloca diante de questões como “quais os disparadores sociais implícitos no ato infracional?”

“Entendendo a complexidade da adolescência, a severidade de uma Medida Socioeducativa de internação e a composição do perfil dos internados, podemos considerar tal cenário como um resultado objetivo de um processo de exclusão social decorrente da cultura social vigente?”

É possível afirmar que a industrialização da cultura está na estrutura da lógica do nosso cotidiano, corrobora para a manutenção do status quo e que seus valores são congêneres ao fascismo?

“Assim a indústria cultural, o estilo mais inflexível de todos, revela-se justamente como a mera daquele liberalismo ao qual se censurava a falta de estilo. Não só as suas categorias e os seus conteúdos irrompem da esfera liberal, tanto do naturalismo domesticado como da opereta e do teatro de revista; os modernos trustes culturais são o lugar econômico onde continua, provisoriamente, a sobreviver, com os tipos correspondentes de empresários, uma parte da esfera tradicional da circulação, em vias de aniquilamento no restante da sociedade.” (ADORNO, 2006, p.14)

Tendo em vista os meios de produção como responsáveis pela materialização dos desejos dos diversos grupos sociais existentes, e que estão sobre o controle de uma elite dominante, penso que o ato infracional cometido por cada um destes adolescentes conta com a incidência dos valores hegemônicos, que por sua vez estão fundamentados pela lógica do capital.

Sendo assim, o ato de consumir passa ser a palavra de ordem para estar incluso, "fazer parte". Desta forma, penso o ato de consumir ganha um lugar de fetiche para seres humanos que estão em desenvolvimento e em busca pela inclusão em um grupo social e em sua construção de identidade.

Por conseguinte, esta “fetichização” da lógica vigente por parte dos adolescentes em conflito com a lei, colabora para perpetuar valores sociais hegemônicos que por sua vez incidem diretamente em suas formas de se organizar, de estar no mundo.

Desta forma, é possível identificar uma lógica de estar no mundo onde ter tem mais valor do que ser, onde tudo pode virar produto, inclusive o próprio homem, o que propicia um processo inevitável de desumanização.

Considerando tal conjuntura em que a Fundação CASA ocupa o lugar de contexto, penso que nós, arte-educadores, ficamos diante do desafio de provocar reflexões sobre cultura, a partir de uma ação/intervenção arte-educativa em um território ocupado por seres em desenvolvimento historicamente desumanizados de forma humanizada.

Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia do Oprimido” nos ensina:

“A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. Súplica de humildes a poderosos. E se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo. Este ensinamento e este aprendizado têm de partir, porém, dos “condenados da terra”, dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo e dos que com eles realmente se solidarizem. Lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira.” FREIRE, 1970)

### *Caminho metodológico, leitura crítica, o início*

Na busca de um diálogo fluido e humanizado com os educandxs, no primeiro contato procuro deixar nítido o meu lugar de fala e o tom que costumo dar para os encontros, orientado pela busca de pontos sociais comuns, na perspectiva de oferecer os primeiros “subsídios dialógicos” para que possam se localizar neste princípio de relação educativa/cultural e assim sentirem-se à vontade para falar.

Este momento marcado pela busca de convergências sócio históricas, tenho chamado de “pontos empáticos”, que são situações em comum entre as histórias dos educandxs, educandxs e educador e educandxs e sociedade, facilitadores para a aproximação no processo de estabelecimento de vínculo.

Para tanto, a horizontalidade no diálogo é regra, com a intenção de sempre reconhecer a importância de cada participante do grupo, e assim criar um espaço de troca/aprendizado em comunhão.

A partir daí realizo uma breve abordagem de forma lúdica, com foco nas formas narrativas presentes no cotidiano, principalmente na TV, para que seja possível realizar rodas de conversa sobre a incidência de tais narrativas na sociedade e na vida dxs educandxs.

Neste momento a educomunicação colabora para identificar/decodificar os artifícios comunicacionais utilizados para a manipulação de massa, o racismo e a desigualdade

social, que na oficina ocupam o lugar de “temas geradores” para refletir sobre a estrutura da sociedade.

Desta forma, é possível identificar uma “curiosidade política ingênua” geralmente expressiva no grupo, capaz de colaborar com xs educandxs a encontrarem outro olhar sobre o ato infracional.

Tenho utilizado o conceito de “Círculo da Marginalidade” defendido pelo Professor Drº Roberto da Silva, entre outros, para problematizar a visão acerca do ato infracional na sociedade. Neste momento procuro dar ênfase na fetichização do cotidiano, inversão de valores e o ato infracional como parte da estratégia da classe dominante.

Considero tal momento de reflexão com os educandos de suma importância, observando que tal problematização tem colaborado para a busca de novos paradigmas por parte dxs adolescentes.

### *Experimentação narrativa, o desenvolvimento de novas representações*

A partir do processo de leitura crítica supracitado, o gancho para entrarmos no momento de criação das narrativas é a atividade de análise fílmica (análise técnica de um longa-metragem), orientada pelo trabalho do roteirista Hollywoodiano Christopher Vogler intitulado “A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Roteiristas”, que foi inteiramente fundamentado na obra do mitólogo Joseph Campbell chamada Herói de Mil Faces.

O passo a passo elaborado por Vogler serve como base para a análise fílmica de um longa-metragem, previamente escolhido pelo educador conforme a necessidade para abordar o tema gerador da oficina, desigualdade social e racismo, na perspectiva de elaborar o argumento e roteiro (escaleta) com xs adolescentes.

Penso que aqui cabe ressaltar que melhor que seja tal literatura de referência, ela é esbranquiçada e historicamente presentes nas “narrativas diabólicas” (Kossov), mas que em meu trabalho procuro subvertê-la e deixá-la mais pigmentada, tomando como uma das referências a obra O herói com rosto africano, FORD, 1999.

Tal planejamento audiovisual tem como principal objetivo descrever as ações das personagens, as falas ficam a cargo da criatividade/improvisação dos educandxs no momento das gravações.

Todo o processo de construção do argumento e do roteiro/escaleta é realizado de forma coletiva, o grupo elege um redatorx que fica responsável por escrever/sistematizar as narrativas elaboradas pelo grupo, que contam com o meu “suporte literário”, que sempre procuro fazer preservando ao máximo a originalidade das ideias.

O resultado desta experimentação narrativa é um argumento, texto corrido pautado pela jornada do escritor, que é o subsídio para a elaboração da escaleta, que é um roteiro sem os diálogos.

Entendendo a densidade de elucubração deste momento, procuro fazer de forma intercalada com as práticas audiovisuais, onde ocorrem as gravações das cenas, para que o trabalho não fique maçante e oportunize a relação direta entre teoria e prática de forma qualificada.

Acredito que nesta etapa cabe destacar como relevante a identificação direta dos educandxs com as narrativas elaboradas, pois munidxs dos argumentos e das primeiras cenas do roteiro/escaleta, passam a mensurar de forma mais objetiva a realização de uma representação audiovisual onde o ponto de partida é o olhar deles para a sociedade e não o contrário, que é o comum.

### *Prática audiovisual, produção de sentido a partir da práxis*

Para além da elaboração dos roteiros/escaletas xs educandxs também passam por um processo formativo técnico básico sobre enquadramentos, movimentos e operação de câmara, para que possam realizar as gravações.

Toda a organização das gravações é realizada no início das oficinas de práticas audiovisuais. Este é o momento que utilizo para distribuir as funções que se dividiam entre câmara, atores, produção e direção.

Tendo em vista a negação destxs adolescentes de sonhar, por mais que a produção dos curtas-metragens sejam importantes e elucidativos, procuro deixar nítido que nosso principal objetivo é tentar qualificar ao máximo as relações dentro do grupo, dentro daquele lugar, para que os muros possam ficar pequenos diante das asas da imaginação.

Em cada uma das “diárias” de gravação cuido para que haja um rodízio entre as funções, de maneira a viabilizar uma experimentação de cada educandx acerca das diferentes funções no trabalho.

Observando a liberdade para a criação dos diálogos construídos a partir da improvisação dxs adolescentes, penso que para além de dar total flexibilidade para a narrativa, colabora para a manutenção de uma forma de trabalho dialógico.

Finalizada a etapa de gravação dos curtas-metragens, realizo uma pré exibição para os grupos, para que possam ter um panorama do trabalho e assim escolherem músicas conhecidas pelxs adolescentes que possam ser utilizadas como trilhas sonoras. Após a escolha das músicas para trilha sonora passamos para o momento de avaliação do ciclo.

Considerando a complexidade para a realização do trabalho, penso que caiba ressaltar que tal fato provoca uma mudança ínfima na comunicação intersetorial da Fundação CASA, tendo em vista a necessidade de articulação para utilização de espaços diferenciados.

### *Reflexão sobre especificidades da ação*

Mesmo com uma execução similar do processo nas diferentes unidades da Fundação CASA em que a proposta é executada, acredito que seja de fundamental importância

pontuar a diferença notória acerca da relação com os aspectos estéticos entre os adolescentes e as adolescentes.

Observando a utilização da câmera como espelho por parte dxs adolescentes nos intervalos entre as gravações, penso que ratifica que para além da liberdades, estxs adolescentes têm sua imagem cerceada na passagem pela Fundação CASA.

A exibição dos curtas-metragens provoca um estranhamento natural, por conta da troca de lugar entre espectador (lugar comum) e emissor (lugar propiciado pela oficina), mas assimilado sem grandes dificuldades pelos adolescentes.

Já com as adolescentes, tal questão se dá de forma bem diferente, pois partindo da premissa da cobrança estética muito mais violenta da sociedade sobre as mulheres, é possível perceber que o contato com a própria imagem é muito mais difícil e constrangedor.

Em algumas unidades as adolescentes não conseguem se permitir olhar para a própria imagem na tela no momento da exibição final, tampando o rosto ou virando o rosto, pois mesmo com elas no lugar de protagonistas da narrativa sentem-se esteticamente aquém daquilo que está posto como beleza padrão.

Enquanto com os adolescentes é possível encontrar descontração na exibição dos resultados, para as meninas, em boa parte é motivo de constrangimento, a ponto de ser necessário realizar intervenções sobre os padrões estéticos impostos pela mídia, com a intenção de mostrar que o principal culpado por tal constrangimento é o racismo estrutural e a cultura do corpo/beleza padrão presentes nos meios de comunicação.

Considerando este conjunto de reflexões e tomando as ideias de Freire como orientadoras, é fato que xs adolescentes sofrem sócio historicamente com a opressão do Estado, porém, a opressão estética para as adolescentes é muito mais violento do que para os adolescentes.

### *Arte e Educação, Privação de liberdade e seus desafios*

É na arte que a cultura, nossa forma máxima de representação da organização social, encontra na estética artística a máscara que lhe cabe, que lhe representa, que colabora no processo de construção identitária (VICENTE, 2013).

Na visão ontológica de Lukács:

“a arte é uma atividade que parte da vida cotidiana para, em seguida, a ela retornar, produzindo nesse movimento reiterativo uma elevação na consciência dos homens.” (FREDERICO, “Cotidiano e arte em Lukács”, ).

Seu impacto em qualquer indivíduo sempre será socialmente construído, observando a incidência da história de cada indivíduo como principal subsídio para a elaboração e/ou apreciação de uma obra artística (ALVAREZ, 2006, ).

Considerando tais aspectos, Eisner (1999, apud BLANCO, 2011) colabora para este conjunto de reflexões, quando nos aponta que a arte proporciona o desenvolvimento das experiências humanas de forma ampla. Sendo assim, é na arte que procuro dar contorno a proposta, construo e reconstruo sua identidade/especificidade.

Em “Pedagogia da Autonomia”, Freire nos aponta a educação como uma forma de intervenção direta na concepção de mundo de qualquer ser humano, fato que organicamente a coloca como aspecto estruturante de qualquer tipo de transformação na sociedade.

Desta forma, a educação, o ato de educar, que está na estrutura da transformação, transcende a mera função de reproduzir ou negar uma ideologia, está no cerne do “estar no mundo” de qualquer indivíduo.

“A educação demanda iniciar criativamente as pessoas na realidade do mundo e no jogo da vida onde se realiza a convivência humana, na qual assimilam as tradições do passado, valorizam-se visões generosas do mundo, constroem-se sentidos de vida e se aprende a lidar com a contraditória e conflitiva “condition humaine” sempre aberta para cima e pra frente” (BOFF in SODRÉ, 2012, p.8).

Observando tais aspectos, penso que na medida que eu me proponho a executar uma proposta de intervenção arte-educativa, a reflexão sobre a sociedade e o desejo de transformação estarão em seu cerne.

Pois, penso que este seja um caminho possível e fundamentado para uma intervenção relevante naquilo que tange questões estéticas e culturais em um contexto de privação de liberdade.

Porém, entendendo a complexidade na relação entre a Arte e a Educação, se faz necessário um paradigma para a realização, para a práxis. É onde a Educomunicação colabora com a proposta.

“2. A área da expressão comunicativa através da arte está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos. Todo estudo da história e da estética das artes – que representa um valor em si mesmo – está a serviço da descoberta da multiplicidade das formas de expressão,

para além da racionalidade abstrata. Esta área aproxima-se das práticas identificadas com a Arte – Educação, sempre que primordialmente voltadas para o potencial comunicativo da expressão artística, concebida como construção coletiva, mas como performance individual.” (SOARES, 2011, p.47)

Desta forma, considerando a privação de liberdade como contexto para tal complexidade na relação entre arte e educação e suas potencialidades, penso que entre os maiores desafios nesta arena seja como falar sobre revolução dentro de uma instituição de contenção?

Como dialogar sobre novas narrativas de vida em um cenário de manutenção de uma lógica hegemônica? Como não se desumanizar diante de tantas histórias de desumanização? Como preservar o amor pelo que faz inserido em um cotidiano que tal sentimento é uma raridade?

### *Considerações Finais*

Tendo em vista o notório investimento teórico e prático na elaboração e execução desta proposta, frente ao contexto adverso de trabalho, penso que para que seja possível continuar a ter êxito o comprometimento profissional e a presença da democracia, emancipação e liberdade são fundamentais.

Entendendo a complexidade do contexto institucional, junto à privação de liberdade como condição do público-alvo, não há como pensar em uma execução sem a presença de desafios.

Para além dos desafios já apontados encontrar uma forma possível de acolher estes seres humanos e suas histórias, sem se deixar afetar em uma medida que inviabilize a execução do trabalho esteja entre os primeiros.

Encontrar uma forma de minimizar a opressão do som de fechamento das grades conversas de funcionários no corredor, entre outros, encontrar saídas possíveis para encaminhar alguns relatos de repressões coercitivas e invasivas fazem parte do conjunto de desafios.

Entendendo tais reflexões, faz sentido afirmar que qualquer proposta arte-educativa que conte com um grande investimento em sua elaboração, junto a uma execução comprometida, não deixará de encontrar desafios, mas ajudará a minimizá-los.

Por isso, optei por colocar luz sobre as estruturas, pois acredito que aí estão os maiores desafios. E quando falo de estrutura tange desde o micro, como qualidade dos equipamentos disponibilizados para o trabalho, até o macro, como a aplicação desmedida de aplicação de Medidas Socioeducativas de internação por parte do judiciário.



Considerando tais aspectos, acredito que seja de fundamental a troca de pedagogias entre os profissionais que trabalham com arte-educação, porque somente desta forma é possível construir propostas arte-educativas relevantes naquilo que podem se propor a intervir, que aqui também é qualificar parcialmente o período do cumprimento da Medida Socioeducativa de internação e colaborar na seguridade de direitos destes adolescentes.

Pois, qualquer que seja a política vigente ela estará a favor de uma ideologia, fato que coloca qualquer metodologia como um simples elemento capaz de colaborar na conquista dos objetivos estabelecidos da classe hegemônica.

Porém, tal fato não pode ser motivo para que a luta pela seguridade de direitos e a luta por uma sociedade mais equânime assumam um lugar de menor relevância, pois todas as transformações são conquistadas pela batalha do oprimido e não pela benevolência do opressor.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor. Indústria, Cultura e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ALVARES, Sonia Carbonell. Arte e Educação Estética para Jovens e Adultos: as transformações no olhar do aluno. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2006.

BLANCO, Maria Cristina. Arte-Educação no Museu Casa da Xilogravura da Cidade de Campos do Jordão: Uma Proposta Poética. Dissertação (Mestre – Programa de Pós-Graduação) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 2011. p.153.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREDERICO, Celso (2000). O Cotidiano e arte em Lukács. In Estudos Avançados.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções nas tramas fotográficas. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

RIBEIRO, Nara Rúbia. Disponível em: <<http://www.contioutra.com/a-desumanizacao-do-humano-por-nara-rubia-ribeiro/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. in CITELLI, Adilson e COSTA, Maria Cristina (orgs). Educomunicação, construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação. Editora Vozes, Petropolis: 2012.

VICENTE, Vânia. Arte e Antologia em Merleau-Ponty. DIÁLOGOS – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade – N.º 9 – Maio/Junho. 2013.

SANTOS, D. R. dos, et al. O terapeuta ocupacional. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 100-107, maio/ago. 2008.

